



OS LUGARES DA CONQUISTA DE SILVES AOS MOUROS

de Rogélio Mena Gomes

Cadernos Gharb - 2
edição da Casa do Algarve e do
Centro de Arte e Cultura Teixeira Gomes



GOVERNO DE
PORTUGAL

SECRETARIO DE ESTADO
DA CULTURA

DIREÇÃO REGIONAL DE CULTURA DO ALGARVE

com o apoio da Direção Regional de Cultura do Algarve

ROGÉLIO MENA GOMES



OS LUGARES DA CONQUISTA DE SILVES AOS MOUROS

CADERNOS GHARB – 2
edição da Casa do Algarve e
Centro de Arte e Cultura Teixeira Gomes
com o apoio da Direcção Regional de Cultura do Algarve

OS LUGARES DA CONQUISTA DE SILVES AOS MOUROS

autor Rogélio Mena Gomes
capa Monumento à Conquista de Silves aos Mouros,
do escultor Laranjeira Santos, em Silves
foto da capa Gonçalo Gomes
edição 1.ª edição
editores Casa do Algarve e
Centro de Arte e Cultura Teixeira Gomes
coleção Cadernos Gharb - 2
ano 3.º quadrimestre de 2014
tiragem 400 exemplares
apoio Direcção Regional de Cultura do Algarve.
impressão e
encadernação M. Nunes Salvador, Ld.ª
Rua Maria Pia, 30-A
1350-208 Lisboa
depósito legal 382500/14
ISBN 978-989-96133-4-8

© ROGÉLIO MENA GOMES. 2014.
Interdita a reprodução integral ou parcial
sem prévia autorização do autor.

Embora a estrutura urbana da cidade de Silves seja hoje, necessariamente, bem diferente da daqueles tempos longínquos, é possível, de uma forma aproximada e com, porventura, alguma especulação, localizar alguns lugares do teatro da sua conquista pelos cristãos aos mouros. Para tanto, acompanhemos a viagem da história que nos leva a esse tempo e a esses lugares.

Com a morte do nosso primeiro rei, subiu ao trono do novel Reino de Portugal seu filho D. Sancho I. As escassas hipóteses de expandir o território à custa dos reinos da Galiza, de Leão, de Aragão ou de Castela, leva-o a procurar alargá-lo a sul, com a expulsão dos muçulmanos que ocupavam aquela região. O desastre sofrido por D. Afonso Henriques, seu pai, em Badajoz, que determinou a perda de várias posições anteriormente alcançadas na zona de Évora, apontava para que ponderasse, na luta contra os sarracenos, acometer o castelo de Juromenha e a partir daí prosseguir as suas conquistas. Porém, a tomada de Jerusalém por Saladino e o apelo papal junto dos mais importantes soberanos da Europa para a organização de Cruzadas para libertação do Santo Sepulcro das mãos dos infiéis; a incerteza da conservação da posse dos castelos e povoações em torno de Évora dada a distância a que ficavam do mar, tornando assim difícil a mobilidade dos exércitos em sua defesa; ⁽¹⁾ o facto de Yacub Al-Manssor enfrentar diversos levantamentos no seu território no norte de África, tendo de se retirar para Fez ante as notícias de uma nova revolução que rebentara nos distritos orientais dos seus estados, deixando enfraquecida a sua posição no Gharb; leva D. Sancho I a mudar de planos e entender de maior sucesso acometer a cidade de Silves, a opulenta capital de Chenchir, que, pela sua importância, localização e fortaleza, lhe garantiria a sujeição de outros castelos e povoações daquela região.

É neste quadro que, no âmbito da Terceira Cruzada, se assistia, aportando a Lisboa, à chegada de numerosas armadas, vindas do norte da Europa, trazendo gente impaciente por combater os muçulmanos. ⁽²⁾

⁽¹⁾ Herculano, Alexandre, *História de Portugal*, I vol., Bertrand Editora, Lisboa, 2007, p. 411.

⁽²⁾ Herculano, Alexandre, ob. cit., pp. 410 e 411.

Ciente da importância da ajuda desses cruzados para a sua empresa contra os mouros, fácil foi para D. Sancho I aliciar a juntarem-se a uma frota de navios que tinha prestes de partida para conquistar Silves, a qual contou com o apoio de uma força militar que seguiu por terra comandada pelo Conde D. Mendo de Sousa e de uma outra, integrando o próprio monarca, que partiu dias depois, transportando as máquinas de guerra mais pesadas. E foi o conjunto de todas estas forças, animadas com o êxito da tomada, semanas antes, com a ajuda de uma outra frota de cruzados, da fortaleza de Alvor, que estabeleceu o assalto à importante e forte capital do Gharb.

D. Mendo de Sousa ⁽³⁾ é, quanto a nós, o primeiro grande



Conde D. Mendo de Sousa

⁽³⁾ "Conde D. Mendo, que se dixia ho Souzam, [vassallo delRey] que no Reyno de Portugal àquelle tempo era o mayoral, e mais principal Senhor, porque era bisneto delRey D. Affonso Anriques, filho de D. Gonçalo de Souza que cazou com Dona Orraqua Sanches filha de D. Sancho Nunes e de D. Tareja Affonso filha bastarda delRey D. Affonso Anriques". Testemunho do cronista Rui de Pina acerca da conquista de Silves in *A Cidade de Silves num itinerário naval do século XII por um cruzado anónimo*, fac-símile da edição por João Baptista da Silva Lopes, Edições Távola Redonda/Câmara Municipal de Silves, Lisboa, 1999, p. 107.

estratega de toda esta ação. Logo que chegou a expedição que atacara Alvor que, com a crueza dos vencedores, não perdoando a sexo nem a idade, matou milhares de sarracenos e deixou a povoação reduzida a um monte de ruínas, ⁽⁴⁾ tratou de se informar junto dos capitães do exército, e dos cativos, dos pormenores que interessavam ao objetivo da conquista, conhecimentos que, se percebe, pôs em prática no assalto à cidade.

Diz o cruzado anónimo no seu relato que a armada fundeu num porto, não longe do mar, a uma milha da cidade e que no dia seguinte avançou tendo lançado ferro num lugar de onde avistaram Silves, visto que o pouco fundo do rio não permitia ir mais avante. E que logo que a armada fundeu, [o comandante da gente portuguesa que, vindo por terra, assentara arraial a quatro milhas de distância] foi ter com eles, a fim de fazer conselho sobre o que haviam de obrar. ⁽⁵⁾

Desse encontro, atente-se à voz de comando de D. Mendo de Sousa falando aos da frota sobre como combater a cidade: "*Et tanto que elles chegaraõ e foraõ appouse[n]tados disselhes [D. Mendo]: - senores pareçeme que he bom que sintañ estes Mouros pa quanto nos somos per nossas forças porque as vezes pequeno combate trigoso faz grande mouim^{to} em os imigos. E porem sem mais tardar começemos de os combater se uos aprouer.*

E entañ se ajuntaraõ todos de huma vontade, e tam grãde força trigosamente de huns e dos outros foi a cidade combatida que logo todos os Mouros dos Arrabalde que eraõ cercados foraõ entrados e foi o combate tam grande que depois os Mouros começaraõ a desemparrar o arrualde". ⁽⁶⁾

⁽⁴⁾ Herculano. Alexandre, ob. cit., p. 413.

⁽⁵⁾ Lopes. João Baptista da Silva, *A Cidade de Silves num itinerário naval do século XII por um cruzado anónimo*, idem ibidem, Lisboa, 1999, pp. 184 e 186.

⁽⁶⁾ *Crónica de Cinco Reis de Portugal seguida da parte da Crónica Geral de Espanha que insere as Histórias dos Reis de Portugal*, códice 886 da Biblioteca Pública Municipal do Porto, edição diplomática e prólogo de A. Magalhães Basto, coleção "Biblioteca Histórica de Portugal e Brasil", Livraria Civilização, Porto, 1945, citado no estudo de

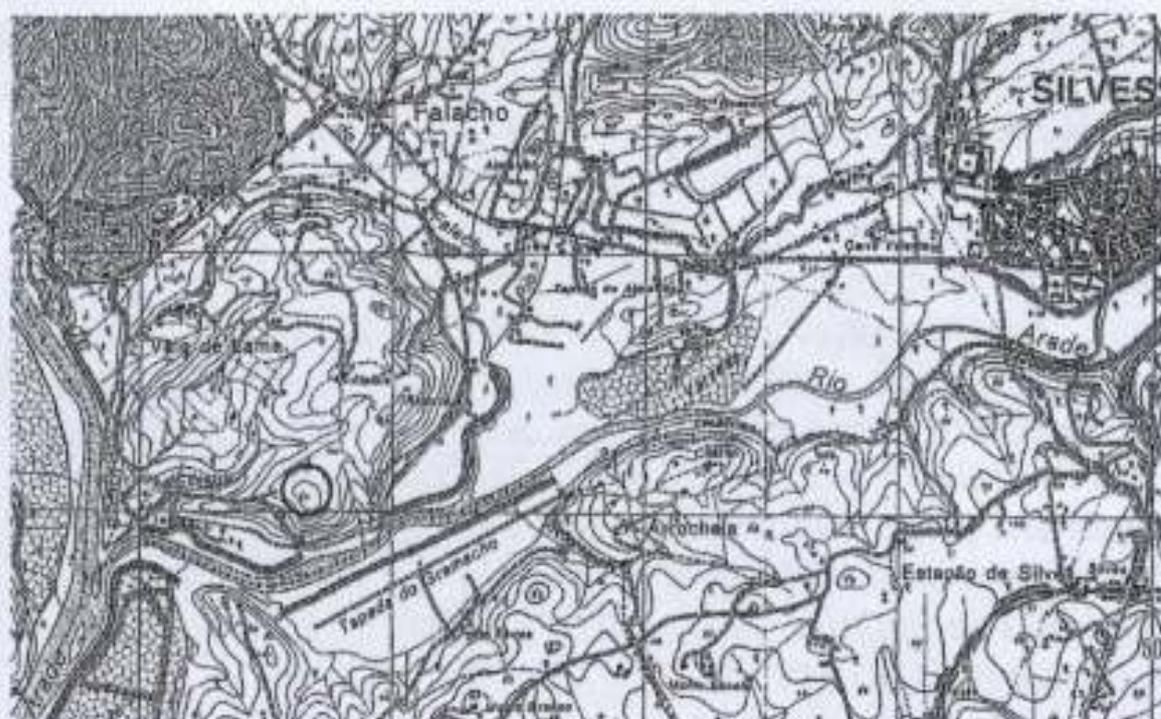
Em anotação ao texto, João Baptista da Silva Lopes localiza o porto de Silves como sendo *"o sítio do Rosário a que chamão a foz ou barra de Silves, que dista, com efeito, da cidade - diz - huma milha pouco mais ou menos"*.⁽⁷⁾ Não é verdade, porém, que o sítio do Rosário diste uma milha da cidade de Silves. Da chamada ponte romana à foz do rio Arade vão cerca de 8 milhas. Daí que, ou há erro de tradução no que diz respeito ao número de milhas, ou há notória inexatidão do cronista anónimo. Até porque se aceitássemos que o sítio do Rosário fica a 1 milha e que as hostes portuguesas tinham assentado arraial a 4 milhas de distância de Silves, levar-nos-ia a situar o lugar do arraial a 3 milhas para lá da cidade na sua zona oriental, ou a 5 aquém, na sua zona ocidental, lugares que não se coadunam com a lógica das demais referências colhidas no relato do cruzado anónimo, nem em outras demais fontes históricas conhecidas.

Não pomos em causa a afirmação de que a frota tenha fundeado no sítio do Rosário, porquanto é ali que, não estando longe do mar, se definia, pela fundura do rio, o limite de navegabilidade para navios daquele porte. E parece-nos, também, correta a indicação de 4 milhas para determinar o lugar onde o exército vindo por terra teria estacionado antes de chegar à cidade. É que existe um lugar chamado Atalaia, que se localiza dentro da referida distância de 4 milhas, onde, a pouca distância, na proximidade da margem direita do rio Arade e não longe do sítio do Rosário, se reconhecem restos da denominada Torre da Vila mencionada no foral afonsino de Silves com a determinação de que *"deve o rei ter a cargo metade, e a outra metade deve ser feita pelo serviço de cavaleiros"*,⁽⁸⁾ local que permite para quem vem de poente ver a cidade, a nascente, e, simultaneamente, o ilhéu do Rosário, a poente. É, pois, crível que tenha sido esse o lugar de onde as tropas

Manuel Cadafaz de Matos em *A Cidade de Silves num itinerário naval do século XII por um cruzado anónimo*, idem, ibidem, p. 99.

⁽⁷⁾ Lopes. João Baptista da Silva, ob. cit., p. 234.

⁽⁸⁾ Andrade. Maria Filomena, Silva. Manuela Santos, *Forais de Silves: Foral Afonsino de 1266, Foral dos Mouros Forros de Silves, Tavira, Loulé e Santa Maria de Faro de 1269 e Foral Manuelino de 1505, Câ*



Localização, assinalada com um círculo, da Atalaia, de Silves.

in *Silves (Xelb) uma Cidade do Gharb Al-Andalus: Território e Cultura*, coordenação de António Marques de Faria

vindas por mar avistaram Silves depois da armada ter lançado ferro, e o lugar escolhido por D. Mendo de Sousa para, logo que se apercebeu ter a frota fundeado, acorrer ao encontro dos seus capitães para definir o ataque.

Diz depois o cruzado anónimo que no dia imediato chegaram-se à cidade em batéis e que assentaram arraial tão perto que nele caíam as pedras arremessadas das muralhas. De há algum tempo que venho defendendo que as tropas cristãs assentaram arraial no lugar correspondente à zona entre o atual Largo dos Mártires, Jardim Público e a área circundante, e aponto em apoio desta minha convicção o facto de ser essa a zona da cidade direcionada para o lugar onde a armada fundeou; de ali ter havido até ao primeiro quartel do século passado (no local onde estava o coreto da música) um poço designado Poço dos Mártires onde o acam-

mara Municipal de Silves, 1993, citado em *Silves (Xelb), uma Cidade do Gharb Al-Andalus: Território e Cultura*, coordenação de António Marques de Faria, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, 2002, p. 137.

pamento cristão podia abastecer-se de água; e de naquele local ter sido edificada a igreja da Nossa Senhora dos Mártires para devidamente sepultarem os que falecessem no cerco à cidade e para que ali se pudesse fazer alguns sacrifícios às suas almas. A que acresço, agora, estar de tal forma próximo das muralhas, que facilmente ali chegariam as pedras de lá atiradas.

Falemos agora das muralhas daquele tempo. Diz o cruzado anónimo que a cidade era *"cingida de muros e fossos de tal arte que nem huma só choupana se encontra[va] fora dos muros, e dentro delles havia quatro ordens de fortificações, a primeira das quaes era como huma vasta cidade estendida pelo valle chamado Rovale (arrabalde). A maior estava no monte, e davão-lhe o nome de Almedina (cidade) tendo outra fortificação na encosta que desce para o mesmo vale a fim de proteger o canal das aguas, e hum certo rio chamado Arade ou Drade; [...] e sobre o canal ha[via] quatro torres, de modo que por [ali] se provesse sempre d'agua em abastança a cidade superior, e [tinha] esta fortificação o nome de Coirasce (coiraça). As entradas pelas portas erão de tal arte angulosas e tortuosas, que mais facilmente serião escalados os muros de que de que entraria alguem por ellas. Abaixo da primeira era o castello que se chamava Alcay (alcáçova). Tambem havia huma grande torre no Rovale (arrabalde) e tinha huma estrada coberta para a almedina de sorte que della se podia vêr o que se passava de fóra dos muros da almedina e os que acomettessem os muros de revés podessem ser offendidos da torre, e da parte opposita"*.⁽⁹⁾

Pela observação da gravura publicada em 1844 por João Baptista da Silva Lopes com o relato do cruzado anónimo, podemos verificar a existência de uma muralha notoriamente mais frágil que, partindo da Torre de Oito Quinas, na atual Rua da Porta da Azóia, desce a zona norte da atual Rua D. Afonso III e toda a Rua Nova da Boavista, segue, supostamente, a Rua Alexandre Herculano até ao Arco da Rebola (que a tradição diz ter sido o lugar onde existiu uma das portas do arrabalde), prossegue a linha da desativada Fábrica do Caldas até à Couraça e ao conjunto das

⁽⁹⁾ Lopes. João Baptista da Silva, ob. cit., pp.186 e 188.



Gravura da cidade de Silves, 1844.

in *A Cidade de Silves num itinerário naval do século XII por um cruzado anónimo*, fac-simil da edição por João Baptista da Silva Lopes com um estudo de Manuel Cadafaz Matos.

torres que protegem o canal de abastecimento de água à população, no local onde se situa a Biblioteca Municipal, indo cingir depois por completo a cidade pela zona do arrabalde oriental.⁽¹⁰⁾

O assalto à cidade pelo exército cristão ocorre, em nosso entender, na zona do arrabalde onde, na gravura, não existe muralha, e isto por três ordens de razão: 1) era a zona com a morfologia do terreno menos acidentado; 2) era a zona mais distante das muralhas da almedina e das torres de defesa do canal de abastecimento de águas de onde os mouros atiravam as pedras e os dardos; 3) era a zona onde se situava o núcleo social e económico mais importante do arrabalde (a mesquita, o canal de abastecimen

⁽¹⁰⁾ Os vestígios de bairros habitacionais e a torre com dois tramos de muralha achados na sequência do trabalho de campo realizado na área da actual Biblioteca na construção da Biblioteca, apontando um deles aquela direcção, leva-nos a acompanhar a posição da arqueóloga Maria José Gonçalves de que as muralhas se estendem por todo o arrabalde oriental.

to de água e a entrada de quem vinha do rio de barco ou a vau, ⁽¹¹⁾ onde porventura haveria uma porta que teria dado o nome ao mojnho ali depois construído). Admito, mesmo, que a parte dessa muralha inexistente na gravura tenha sido derrubada durante o cerco à cidade para uma melhor movimentação das tropas e das máquinas, e que não mais tenha sido reconstruída. Quanto à maior fragilidade desta muralha pode, de algum modo, estar sugerida no relato do cruzado anónimo quando, a certo passo, diz que *"sairão os nossos para a cidade [...] e levando escadas acommettêrão a cidade superior por aquella parte que muito firme estava sobre o monte"*. ⁽¹²⁾ Ou seja, sendo as muralhas da parte superior da cidade muito firmes, pode levar-nos a deduzir serem as do arrabalde mais frágeis.

Quando da exposição "Silves Islâmica: cinco séculos de ocupação do arrabalde oriental", dirigida pela distinta arqueóloga Maria José Gonçalves, que esteve patente em 2009 na Biblioteca Municipal, foi publicado um excelente roteiro onde, a par da informação sobre o espólio exposto e de uma breve - mas notável - resenha da permanência árabe em Silves, faz, nas considerações preambulares, uma tentativa de *"reconstituição topográfica da Silves islâmica, com base no conhecimento veiculado pelas fontes históricas e pela investigação arqueológica. Trata-se - diz a distinta arqueóloga - de uma proposta de trabalho que certamente carregará muitos erros e que poderá a qualquer momento ser alterada, se acaso vierem à luz do dia elementos que a possam contrariar, no seu todo ou em parte"*. ⁽¹³⁾

Existe, como se pode ver pelas gravuras que a seguir repro

⁽¹¹⁾ Bernardes. João Pedro e Gonçalves. Maria José, *A Ponte "Velha"*, in *Monumentos - Revista Semestral de Edifícios e Monnumentos* n.º 23, de Setembro de 2005, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Lisboa.

⁽¹²⁾ Lopes. João Baptista da Silva, ob. cit., p.192.

⁽¹³⁾ Gonçalves. Maria José, roteiro da exposição *Silves Islâmica: cinco séculos de ocupação do arrabalde oriental* patente na Biblioteca Municipal de Silves, Câmara Municipal de Silves, Silves, 2009, 2.ª página.

produzimos, divergência entre a sua proposta e a nossa leitura no que diz respeito à muralha que cinge o arrabalde ocidental da cidade que recua, na sua versão, até à Sociedade Vilarinho, actual sede do Partido Socialista, segue uma linha transversal pelo quin-



Proposta de reconstrução topográfica da Silves islâmica.

in Silves Islâmica: cinco séculos de ocupação do arralde oriental de Maria José Gonçalves



Localização (traço negro) da muralha ocidental da terceira ordem de muralhas da cidade segundo a minha proposta.

tal do Vasconcelos, atual restaurante Casa Velha, vai pela Rua Comendador Vilarinho e Rua Francisco Pablos até próximo do rio e contorna a oriente até cingir por completo a cidade. Percebo a sua posição. É que nas escavações realizadas no âmbito do Programa Polis, nos finais do século passado, foi parcialmente escavada no exterior da almedina (na zona intermédia das atuais ruas 25 de Abril, Bernardo Marques e Samora Barros) uma importante necrópole islâmica.⁽¹⁴⁾ E como na planificação das cidades islâmicas as necrópoles situavam-se sempre à entrada das urbes, compreende-se a colocação da muralha aquém daquele lugar.

Há, contudo, dois pormenores constantes do próprio roteiro da Exposição que se nos afiguram de significativa importância: 1) as análises de radiocarbono sobre amostra osteológica proveniente de um dos enterrados apontam para uma datação entre o final do século IX e meados do século XI, e a conquista da cidade ocorre cem ou mais anos depois; 2) em meados do século XI ascende ao poder um juiz da cidade da família Muzayn, ao qual sucedem o filho e o neto, havendo notícia de que estes terão reforçado as muralhas da cidade.⁽¹⁵⁾ Factos que nos leva a admitir a possibilidade das muralhas do arrabalde terem sido construídas por essa família Muzayn numa fase em que a necrópole já estava desativada e, nessa circunstância, terem sido estas muralhas colocadas para além daquele perímetro.

Avancemos no nosso percurso através do relato do cruzado anónimo para referir a seguinte passagem: *"assentando os arraiaes mais perto, resolvemos dar assalto no outro dia pela manhã, e nos preparámos de escadas para escalar os muros. Logo de madrugada [...] chegámos aos muros armados de escadas passando os fossos sem embargo da profundidade da água. Os cercados, que estâvão nas torres ainda nos incommodarão por algum*

⁽¹⁴⁾ Gonçalves. Maria José, *Arqueologia no Concelho de Silves. O Contributo Pioneiro de Estácio da Veiga*, Actas do 4.º Encontro de Arqueologia do Algarve, in Xelb – *Revista de Arqueologia, Arte, Etnologia e História* n.º 7, Museu Municipal de Arqueologia de Silves, Silves, 2007, pp. 426 e 427.

⁽¹⁵⁾ Gonçalves. Maria José, *Silves Islâmica...*, ob.cit. 3.ª pág.

tempo com tiros de pedra, mas de repente, por vontade de Deos, que ajuda os que nelle tem esperança, voltarão as costas fugindo para a cidade superior. Então os nossos immediatamente subirão as escadas, e os forão seguindo. [E assim] ficámos de posse da cidade inferior, na qual dormimos socegados aquella noite, os Portuguezes a huma parte, e nós a outra".⁽¹⁶⁾

Desta passagem se retira a conclusão que o plano para o primeiro embate traçado no encontro das tropas vindas por terra com as que tinham chegado por mar, como forma de surpreender os mouros, consistiu numa investida de ação rápida,⁽¹⁷⁾ decerto delineada por D. Mendo de Sousa a partir da estratégia utilizada em Alvor. A forma ameaçadora e feroz do ataque e a agilidade dos meios usados permitiram um escalonamento avassalador. E os sitiados, ao sentirem a iminência da invasão, entraram em pânico e retiraram-se apavorados para a almedina. A insistência, porém, da mesma tática no ataque posterior à cidade, falhou retundamente, pois as muralhas eram mais fortes, os fossos mais profundos e o efeito surpresa havia esvanecido. D. Sancho chegou uma semana depois e tomou o comando das operações, esvaziando-se a partir daí a importância de D. Mendo de Sousa na estratégia do assalto à almedina que, em razão da existência de novos meios (máquinas pesadas) passou a ser feito através da tentativa de derrube das muralhas ou da infiltração por túneis escavados na terra.

Aludi em tempos⁽¹⁸⁾ à possibilidade dos túneis e contratúneis referidos pelo cruzado anónimo se localizarem na zona da atu

⁽¹⁶⁾ Lopes. João Baptista da Silva, ob. cit., pp. 190 e 192.

⁽¹⁷⁾ "O Conde Dom Mendo, como prudente capitão que era, lhes disse [aos da frota estrangeira] que o melhor meo, que hauia para pôr pavor nos Mouros, & fazerlhes enfraquecer as forças, era sem mais dilação darlhe logo combate. E todos hum acordo lho derão mui rijo, & apressado, & per força entrarão os arrabaldes da cidade, que erão cercados", testemunho do historiador Duarte Nunes de Leão in *A Cidade de Silves num itinerário naval do século XII por um cruzado anónimo*, p. 108.

⁽¹⁸⁾ Gomes. Rogélio Mena, *A Estrutura Urbana da Cidade de Silves*, Casa do Algarve, Lisboa, 2009.

al Rua Bernardo Marques junto à ligação com o rossio da Câmara Municipal. O nível a que se acha a porta entaipada dos restos de muralha ali existente encontra-se a uma cota superior ao nível do piso da rua e ao mesmo nível da cota do quintal fronteiro pertencente à antiga Sociedade Vilarinho, hoje sede do Partido Socialista. Se olharmos à morfologia do terreno dentro da almedina e sabendo que o edifício da atual Câmara Municipal foi construído por sobre chãos que em tempos foram banhos, é crível que aquele local à data já estivesse escavado na parte interior a uma cota inferior ao nível do terreno da parte de fora, facto porventura do conhecimento dos cristãos, o que facilitaria, obviamente, a abertura, ali, de um corredor de entrada. O interessante é que o beco existente junto à atual Rua Bernardo Marques foi, em tempos, denominado Rua do Buraco, o que sugere a existência ali de um buraco na muralha, porventura resultante dos túneis abertos durante a luta.

Os mouros acabaram por se render pela sede, depois das tropas cristãs terem desativado o canal de abastecimento de água à cidade. O que levou as tropas cristãs a trocar o assalto militar às muralhas e a adotar essa nova estratégia de vencer o inimigo pela sede, é questão não esclarecida. Circunsância do acaso? Informação de dentro para fora veiculada por traidor que fugindo da cidade pôs o inimigo ao corrente da situação? O que se percebe é que foi uma estratégia tardia achada no teatro de guerra, delineada no próprio terreno da batalha e numa avaliação das condições concretas do momento.

É à arqueologia e designadamente a Maria José Gonçalves que devemos o conhecimento da localização aproximada dos demais lugares da conquista. O seu notável trabalho de campo na área da atual Biblioteca Municipal trouxe novos elementos. É nessa base, e também com a ajuda da sua inegável perspicácia, que terminamos este nosso percurso por esses tempos. Para referir a torre encontrada nessa escavação, com dois tramos de muralha (um apontado a nascente que seria, provavelmente, o princípio de uma muralha cingindo o arrabalde oriental da cidade e o outro em direção à almedina, pertencente, naturalmente, ao canal da água); o troço de cerca de 17 m. do qanat, galeria por onde circulava a

água do canal, que na reconstituição topográfica a autora localiza na área próxima da Rua Latino Coelho a partir da Biblioteca Municipal; e o alicerce de mais de 4 m. de profundidade de uma grande edificação que se projetaria, necessariamente, a grande altura, identificado no extremo norte da área de escavação. Nesse lugar foram recolhidas duas omoplatas de bovídeo com frases corânicas (*"Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso"*) o que leva a admitir a hipótese desse alicerce corresponder ao minarete de uma mesquita que na reconstituição topográfica a autora localiza na zona próxima da confluência das atuais ruas Policarpo Dias e Moinho da Porta. ⁽¹⁹⁾ E para referir também a estrutura posicionada na zona sul do terreno onde decorreu a intervenção arqueológica que, pelas suas grandes dimensões, arquitetura, cuidado colocado na sua construção e fortes marcas de erosão provocados por sistemático contacto com a água, remetem-nos para uma relação com o rio. Tratar-se-ia de um simples muro de contenção de águas em momento de cheias? Ou, atendendo que o traçado é igual ao da muralha norte, seria a sua barbacã? Ou, tão só, um pequeno porto? Ou parte da estrutura da Couraça? ⁽²⁰⁾ Estas as questões sugeridas pela ilustre investigadora.

Nos trabalhos arqueológicos realizados não foram encontrados quaisquer vestígios da rede viária urbana relativa ao período de domínio islâmico, sendo que as estruturas habitacionais identificadas em sondagens efectuadas, revelaram que a rede viária de então não coincidia com a dos arruamentos atuais. ⁽²¹⁾

⁽¹⁹⁾ Gonçalves. Maria José, *Silves Islâmica...*, ob.cit. 27.ª pág.

⁽²⁰⁾ Gonçalves. Maria José, e Santos. Ana Luísa, *Novos Testemunhos do Sistema Defensivo Islâmico de Silves e os Restos Osteológicos Humanos encontrados junto à muralha do Arrabalde – Notícia Preliminar*, Actas do 2.º Encontro de Arqueologia do Algarve, in Xelb – *Revista de Arqueologia, Arte, Etnologia e História* n.º 5, Museu Municipal de Arqueologia de Silves, Silves, 2005, p. 195.

⁽²¹⁾ Gonçalves. Maria José, *Vias Urbanas de Silves: Mutações e Pervivências*, in *Caminhos Antigos, Percursos Modernos*, coordenação de José d'Encarnação, 1.ª Actas de As Vias do Algarve da Época Romana à Actualidade, Arqueologia Algarve, S. Brás de Alportel, 2006, p. 81.

Porém, atendendo a que na planificação das cidades islâmicas as mesquitas se situavam normalmente no cruzamento de duas vias principais, é crível que no arrabalde ocidental houvesse uma rua na direção norte/sul (na linha próxima das atuais ruas Policarpo Dias e Moinho da Porta) e outra na direção nascente/poente (na linha próxima das atuais ruas Elias Garcia e João de Deus em direção ao Arco da Rebola, referido tradicionalmente como o lugar onde existiu uma das portas do arrabalde). É, evidentemente, apenas uma dedução lógica não confirmada por fontes históricas. E por isso mesmo ficam aqui todas as reservas que uma dedução meramente teórica sempre sugere.



ROGÉLIO MENA GOMES nasceu em Silves em 1940. Licenciado em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, é advogado e bancário aposentado.

Obras publicadas: Teatro - Breve Experiência para uma Teoria do Quotidiano, em 1970, A Porta, em 1981 e Um Corvo no Nevoeiro, em 1998. Ficção - Crónicas do Tempo Passado, em 2006. Ensaio - A Estrutura Urbana da Cidade de Silves, em 2009.

Tem para publicação: O Novo Auto da Visitação, O Outro Auto dos Reis Magos, A Problema do Emblema do Sporting, Silves - Memórias e Referências, Maria Keil, João José Gomes (1895-1968) Professor, Escultor, Figura Ilustre de Silves, Istórias Contadas, e em co-autoria com Manuel José Mourinho, Escola Secundária de Silves - 100 Anos de História (a publicar em 2020, ano em que perfaz 100 anos sobre a data da sua criação).

Como poeta, está representado em A Nossa Antologia, vol. XIV - 2007/2008 da Associação Portuguesa de Poetas, no Livro de Poetas 2008 (Livro dos Poetas), antologia de autores em língua castelhana e portuguesa publicada pela Asociación Cultural Aires de Córdoba e na TERRALUZ. Colectânea de Poesia de Poetas Algarvios organizada pela Casa do Algarve em Lisboa, da qual foi o coordenador.

O texto do opúsculo A Estrutura Urbana da Cidade de Silves reproduz a palestra que proferiu em 2009 na Sociedade Histórica da Independência de Portugal no âmbito das comemorações do 79.º aniversário da Casa do Algarve em Lisboa.

Colaborou nos jornais Voz do Sul, Padrão, A Nossa Terra, Diário de Lisboa, Record, Sporting, Cinco Quinas, Voz de Silves e Terra Ruiva e no Mirante, boletim da Associação de Estudos e Defesa do Património Histórico-Cultural do Concelho de Silves.

Encenou a sua peça Breve Experiência para uma Teoria do Quotidiano e O Dia Seguinte, de Luiz Francisco Rebelo com o Grupo de Teatro da Cooperativa dos Empregados do Banco Nacional Ultramarino e viu a sua peça A Porta encenada pelo Grupo de Teatro Penedo Grande, de S. Bartolomeu de Messines, em 2014.

Em 2014 foi Convidado-Interlocutor de uma das sessões do "Café Conversa", organizada pela Sociedade de Instrução e Recreio Messinense.

É 1.º Secretário da Mesa da Assembleia Geral da Casa do Algarve em Lisboa, 1.º Secretário da Mesa da Assembleia Geral da Associação Portuguesa de Poetas, Vice-Presidente do Conselho Executivo da Associação Cultural Emmanuel Correia, Vogal-Executivo do Centro de Arte e Cultura Teixeira Gomes, membro do Conselho Superior Regional da Casa do Algarve em Lisboa em representação do Concelho de Silves e conselheiro do Conselho Cultural do Núcleo dos Antigos Alunos da Escola Comercial Ferreira Borges.

Pertenceu à tertúlia literária Amizade e Cultura e foi Vice-Presidente do Grupo Desportivo e Cultural dos Empregados do Banco Nacional Ultramarino e director do seu boletim, onde colaborou com assiduidade. Fez parte dos corpos sociais da Liga de Cegos Luís Braille e fundou o Núcleo de Gravações para Cegos, onde participou activamente.